

TEM UM PACHECO APAGADO E ESQUECIDO NUM MURO DA VILA VALQUEIRE



uma madalena de

MANOEL FILHO

Das minhas poucas lembranças de infância, um muro sempre foi a mais intrigante. Olé, Copa 82, Vamos Vencer. Uma frase e muitos símbolos.

Eu, aos dez anos, nada sabia sobre Pacheco, O Camisa 12 da Seleção Brasileira, criado por um time de marketing da Gillette e estampado em um muro carcomido que pertencia a uma loja de material de construção, feito pelos torcedores esperançosos da Rua Jagoroaba, em Vila Valqueire. Não faço ideia de quem financiou a pintura e principalmente quem esqueceu de apagar, porém, o que ficou na história foi a Tragédia do Sarriá, os três Gols de Paolo Rossi e ao longo dos anos, o ridículo desenho de um homem caricato com uma boca enorme, uma bandeira verde-amarela e alguns touros atrás dele. Com o advento da internet, toda a campanha publicitária pode ser vista e consultada com esforço mínimo, mas para mim, em 1994, era intrigante o significado daquele mural.

Natan Pacanowski, um sujeito obeso, nascido numa família de judeus poloneses, jornalista e comentarista de turfe, foi escalado para personificar o tal Pacheco na Copa da Espanha. Acompanhou a seleção, infernizou os dirigentes e forneceu cigarros para a delegação, proibida de fumar pelo então técnico Telê Santana e virou um protagonista improvável. Aquele Julho de 82 marcou o fim de um sonho e sabemos que os Brasileiros gostam no geral de fantasiar heróis, as capas de revistas são testemunhas desta paixão nacional. E o tal Pacheco da Gillette não foi exceção: ganhou uma sonora sacaneada do pessoal do Pasquim, que enterrou o “mascote não oficial” com uma capa politicamente incorreta.

No papel, Zico, Leandro, Falcão, Sócrates e Toninho Cerezo eram o que havia de melhor em futebol-arte, uma máquina de jogar bola. Não ganhamos nada, morremos nas quartas. Aliás, para ser justo, ganhamos sim. Um hino.

Pela mesma época do tal Pacheco, o então lateral Júnior recebeu a alcunha de maestro. E talvez, para que o apelido fizesse algum sentido, achou por bem virar cantor. Não apenas gravou um compacto de muito sucesso com o hit Voa Canarinho (Povo Feliz), mas também registrou em disco alguns pagodes. Ao contrário do single e talvez por conta da derrota ou pelas interpretações duvidosas, o LP não foi um campeão de vendas, apesar de ter nomes como Sombrinha, Luiz Carlos da Vila, Dêlcio Carvalho... até o Martinho aparece na ficha técnica. O sorridente Leovegildo traduzia a total confiança do tetra, depois de o Brasil ter sido roubado na copa anterior realizada na Argentina do ditador Videla. Não foi em 1982, o jejum permaneceria até 1994. Já a canção de Memeco e Nonô do Jacarezinho, de tempos em tempos, passa por um processo de maquiagem e torna a nos assombrar no país do Pachequismo Master, por motivos extrafutebolísticos...

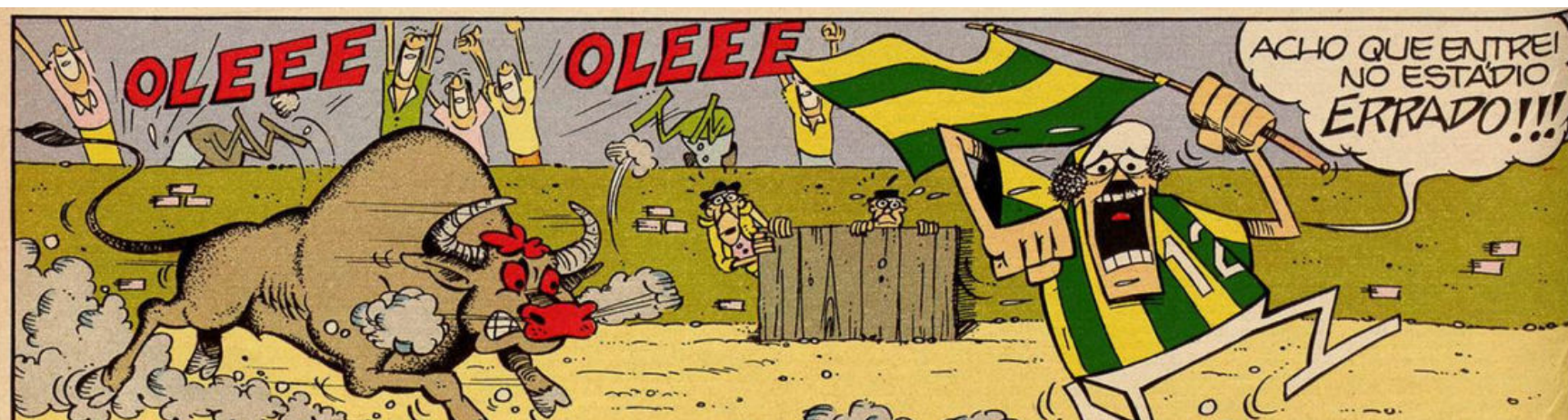
A internet, os romances, as dívidas, as coisas mais importantes a fazer, as apostas, a sociedade deprimida e sem gás para carnavais fora de época, além de novos hábitos, aboliram os costumes antigos, que incluíam os famigerados galhardetes de políticos, queimar lixo, jogar futebol na rua, falar mal do vizinho e passar trote nos orelhões “diretos”. Tudo isso é coisa do passado, inclusive se empolgar com a seleção.

Depois do 7 a 1, a relação do Brasil com a canarinha mudou. Naquele dia, nenhum Pacheco estava no Mineirão e ninguém foi capaz de invadir o campo e fazer como Rojas nas eliminatórias de 1990: anular a partida e apagar aquela terceira tragédia, esta, por sinal, bem doméstica (e estamos próximos dela novamente).



Passei décadas sem ir ao Valqueire e também perdi o gosto por futebol e suas falcatruas, minha fada do dente já morreu. A única obrigação com o bairro nesses últimos vinte e poucos anos é o voto, que eu deposito até hoje na Candido Campos, de onde guardo doces recordações literárias. O muro, que jamais foi um ponto turístico, virou um mictório de entregadores e estacionamento noturno para a casa de swing que opera ao lado de uma Igreja Neopentecostal, pois o brasileiro tem comemorado muito a dois, a três, escancarando de vez. Pra minha surpresa, meu pai disse que o desenho havia sido pintado há muito tempo, mas em 2022 o paredão foi lavado, o cal foi retirado e a tal imagem tornou a aparecer. O terreno foi vendido para uma concessionária de automóveis e dessa vez puseram um verde sem graça na parede.

Em tempos de seleção desacreditada, sem Telê, canarinho e o muro, chamar um restaurador para dar vida novamente ao Pacheco ao meu ver seria uma boa ideia, um pouco de entretenimento nunca é demais.



Flamenguista de Marechal Hermes, **Manoel Filho** atua desde 2012 como pesquisador de Música Brasileira, através de seu canal "Tonicomanoel" no YouTube e Instagram. É também revisor, escritor, consultor técnico e leitor crítico de títulos sobre música brasileira, com colaborações para a revista da ABRAMUS, Itaú Cultural, Três Selos e Musicalidade.com. Foi um dos responsáveis pela catalogação e digitalização de acervos das gravadoras Tapeçar, Top Tape e Musidisc. Não gosta de ser confundido com influencers nem lida com IA na cultura.